

**Festival: Como é a mostra com filmes feitos por celulares • 2**

# SEGUNDO CADERNO

**Música: Luiz Paulo Horta e a ópera de Jocy de Oliveira • 3**

DOMINGO, 1 DE OUTUBRO DE 2006

## O código das listas

O romance 'O caçador de pipas' completa hoje um ano no ranking de best-sellers, um espaço cada vez mais disputado

Mauro Ventura \*

'O caçador de pipas' tinha tudo para dar errado. Foi lançado em fins de 2003 nos Estados Unidos sem qualquer campanha de marketing. Seu autor, um médico, escrevia seu primeiro romance. O cenário — o Afeganistão — assustava os americanos, traumatizados com o 11 de Setembro. Mas o boca a boca foi mais forte que as resistências, e, um ano depois, o livro de Khaled Hosseini entrou para a lista de best-sellers.

Nesse meio tempo, no Brasil, a Nova Fronteira pesquisava a ligação entre literatura e cinema. A editora recebeu a sinopse de um livro que ia virar filme — justamente "O caçador de pipas". Era julho de 2004, e Izabel Aleixo, gerente editorial da Nova Fronteira, gostou do que leu. Mesmo assim, houve um cabo-de-guerra interno na editora, como lembra Carlos Augusto Lacerda, presidente da Nova Fronteira.

— Foi muito controverso. O livro era maravilhoso, mas passado num lugar remoto. Graças a Deus venceu a corrente que achava o conteúdo mais forte que as circunstâncias.

### Mercado está mais profissional e competitivo

Hoje, "O caçador de pipas" completa exatamente um ano na lista de best-sellers do Brasil, com 400 mil exemplares vendidos. É um espaço cada vez mais disputado, com características, curiosidades e surpresas que o público desconhece.

— As listas se tornaram uma briga muito mais acirrada. O grande best-seller americano em 1975, "Ragtime", vendeu 230 mil exemplares. Em 2005, "Harry Potter" vendeu 13 milhões, um crescimento exponencial. No Brasil, nem se fala — diz Paulo Roberto Pires, gerente editorial da Ediouro e da Agir.

— Embora o número de exemplares vendidos no país tenha crescido, o volume de livros lançados é maior ainda. Nesse sentido, sim, são mais livros disputando o mesmo espaço nas livrarias, a atenção do leitor e um lugar na lista — reforça Roberto Feith, diretor-presidente da Objetiva.

— O mercado está mais profissional e competitivo, com mais editoras fazendo coisas boas, mais títulos de qualidade e mais investimento de marketing — faz coro Luciano Trigo, editor de não-ficção da Nova Fronteira, editora que pagou US\$ 12 mil pelo adiantamento de "O caçador de pipas" — pouquíssimo, comparado aos US\$ 250 mil que a Rocco acaba de desembolsar pela trilogia "O segredo do anel".

No mesmo período em que a Nova Fronteira tinha acesso a "O caçador de pipas", a Record recebia "O livreiro de Cabul", da jornalista norueguesa Asne Seierstad, também passado no Afeganistão.

— Achei uma maravilha, mas passou pela cabeça o medo do estranho. Havia a idéia de que esse tipo de temática não funcionaria aqui, tanto que fiz uma proposta de adiantamento irrisória — conta Luciana Villas-Boas, da Record, que comprou os direitos por US\$ 2 mil.

O lançamento atrasou, por conta da tradução do norueguês.

— Foi ótimo ter demorado. Facilitou muito o lançamento. Depois de "O caçador", ficou muito menos estranho apresentar "O livreiro de Cabul" aos livreiros brasileiros.

E assim o livro foi parar na lista de best-sellers. Na verdade, não é a lista de best-sellers. São as listas.

— Existem muitos tipos diferentes de best-sellers, cada um com uma dinâmica própria — diz Feith. — Tem a ficção literária, a ficção comercial, a não-ficção jornalística, a não-ficção de auto-ajuda.

Cada lista tem suas características. Na ficção literária, o best-seller costuma ser um autor de marca, como García Márquez, Saramago, Vargas Llosa ou Rubem Fonseca. É raro um novato furar o bloqueio.

— Na ficção, você espera "o novo livro do Fulano" — diz Pires.

Na ficção dita comercial, a história pode ser mais importante que o autor. É o caso de "Labirinto", primeiro livro da autora Kate Mosse.

— O que vende aqui é a emoção, é o leitor se perder naquilo e esquecer da vida. Pode ser passado em qualquer contexto, Vaticano ou Cabul — diz Isa Pessôa, da Objetiva.

Na não-ficção, o peso do nome também é menor. A temática ou a abordagem pode valer mais — vide Bruna Surfistinha. Ou então uma sacada, como "Freakonomics". São livros mais influenciados pelo cenário político-econômico. O 11 de Setembro gerou várias obras, como "Plano de ataque", de Ivan Sant'Anna. Por causa da ligação com a atualidade, os best-sellers de não-ficção têm rotatividade maior — ficam menos tempo na lista que os de ficção. Outra diferença é que os brasileiros têm presença tímida na ficção.

— A ficção comercial é um gênero muito desenvolvido em países como Inglaterra e EUA, que exercitam a pesquisa histórica — diz Isa.

Em compensação, na não-ficção o espaço é dos brasileiros, com assuntos que abordam o Brasil real.

A lista de ficção passa por uma renovação, depois de mais de dois anos congestionada. Dan Brown, de "O código da Vinci", tinha estacionado ali, com quatro livros ao mesmo tempo, sem contar os que pegavam carona na linha thriller religioso. "Código" só sumiu ontem, após 125 semanas consecutivas. As listas provocam um círculo virtuoso.

— Elas se auto-alimentam — explica Marcos Pereira, da Sextante. — O livro entra no grupo dos mais vendidos. Com isso, ganha status nas livrarias e resenhas nos cadernos literários. Com a exposição, vende ainda mais.

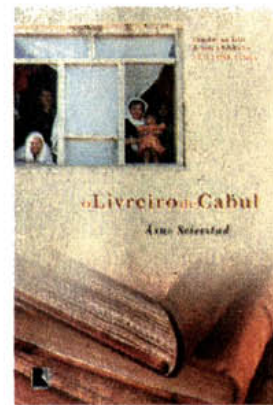
As listas funcionam como referência para o leitor, diz Fernando Silva, supervisor da Saraiva.

— Os clientes se baseiam muito pelo que está na moda. Chegam com as listas ou pedem sugestões sobre o que tem vendido mais.

Há outro dado fundamental para entender as listas:

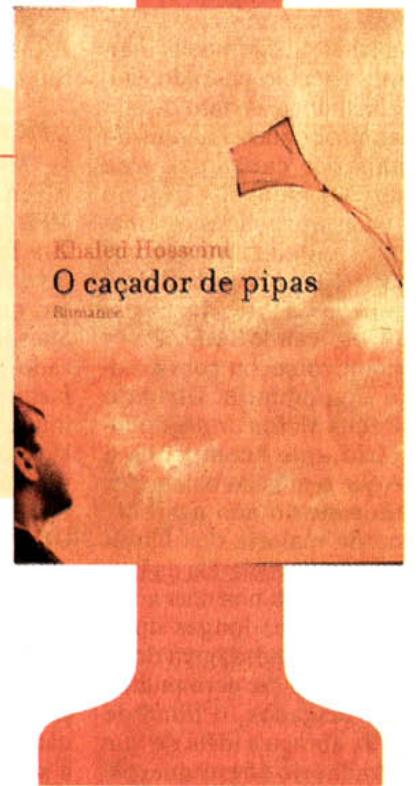
— Ter um lançamento espetacular ajuda, mas sem o boca a boca não tem nada que faça o livro emplacar. O marketing pode fazer com que ele belisque a lista uma, duas vezes, mas, se não tiver o "Você tem que ler!", não fica — diz Luciana. ■

Colaborou: Guilherme Freitas



**ficção**  
• O CAÇADOR DE PIPAS  
Khaled Hosseini  
Ed. Nova Fronteira

**não-ficção**  
• O LIVREIRO DE CABUL  
Asne Seierstad  
Ed. Record



**não-ficção**  
• MARLEY É EU  
John Grogan — Prestígio



**ficção**  
• O DIABO VESTE PRADA  
Lauren Weisberger  
Ed. Record



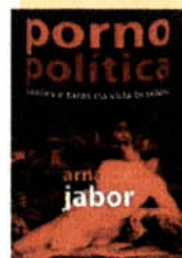
**ficção**  
• PONTO DE IMPACTO  
Dan Brown  
Ed. Sextante



**não-ficção**  
• NÃO SOMOS RACISTAS  
Ali Kamel  
Ed. Nova Fronteira



**ficção**  
• O ÚLTIMO TEMPLÁRIO  
Raymond Khoury  
Ediouro



**não-ficção**  
• PORNOPOLÍTICA  
Arnaldo Jabor  
Ed. Objetiva



**ficção**  
• MEMÓRIAS DE MINHAS PUTAS TRISTES  
Gabriel García Márquez  
Ed. Record



**não-ficção**  
• PLANO DE ATAQUE  
Ivan Sant'Anna  
Ed. Objetiva



**ficção**  
• TRAVESSURAS DA MENINA MÁ  
Mario Vargas Llosa  
Ed. Alfaguara



**ficção**  
• ANJOS E DEMÔNIOS  
Dan Brown  
Ed. Sextante



**ficção**  
• QUANDO NIETZSCHE CHOROU  
Irvin D. Yalom  
Ediouro



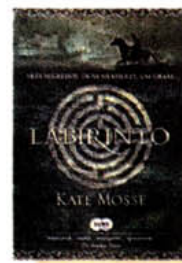
**não-ficção**  
• VIAGENS COM O PRESIDENTE  
Eduardo Scolese  
Ed. Record



**não-ficção**  
• A ARTE DA GUERRA  
Sun Tzu  
Ed. Record



**não-ficção**  
• RELATÓRIO DA CIA — COMO SERÁ O MUNDO EM 2020  
Heródoto Barbeiro  
Ediouro



**ficção**  
• LABIRINTO  
Kate Mosse  
Ed. Suma



**não-ficção**  
• O DOCE VENENO DO ESCORPIÃO — O DIÁRIO DE UMA GAROTA DE PROGRAMA  
Bruna Surfistinha  
Ed. Panda Books



**ficção**  
• ATLANTIS  
David Gibbins  
Ed. Planeta do Brasil

**não-ficção**  
• O MUNDO É PLANO  
Thomas L. Friedman  
Ed. Objetiva



### Apostas de editoras

• EM OUTRAS PALAVRAS  
Lia Luft  
Ed. Record

• AO SOM DO MAR E À LUZ DO CÉU PROFUNDO  
Nelson Motta  
Ed. Suma de Letras

• POR MAIS UM DIA  
Mitch Albom  
Ed. Sextante

• THE INNOCENT MAN  
John Grisham  
Ed. Rocco

• A DISTÂNCIA ENTRE NÓS  
Thirly Umrigar  
Ed. Nova Fronteira